

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Adriana Mendes Duarte

**Práticas de Contação de Histórias no Maternal: um estudo de caso**

Porto Alegre  
1º Semestre  
2011

Adriana Mendes Duarte

**Práticas de Contação de Histórias no Maternal: um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para aprovação no Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientação:  
Profª Drª Luciana Vellinho Corso

Porto Alegre  
1º Semestre  
2011

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus em primeiro lugar por estar presente em minha vida.

Agradeço à minha mãe que sempre me apoiou todos esses anos e ao meu pai, Leon.

Agradeço à minha família, em especial ao meu filho Diego.

Agradeço a minha tia Vera, que me incentivou a chegar até aqui.

Agradeço ao meu esposo, Édison, pela paciência durante esse período final do trabalho e pela sua colaboração no mesmo.

Agradeço a minha orientadora, Luciana, pela paciência e por partilhar comigo seus conhecimentos, sem sua colaboração seria impossível realizar esse trabalho.

## *O manifesto do contador de histórias*

*O contador de histórias cria imagens no ar materializando o verbo e transformando-se ele próprio nesta matéria fluida que é a palavra.*

*O contador de histórias empresta seu corpo, sua voz e seus afetos ao texto que narra, e o texto deixa de ser signo para se formar significado.*

*O contador de histórias nos faz sonhar porque ele consegue parar o tempo nos apresentando outro tempo.*

*O contador de histórias, como um mágico, faz aparecer o inexistente, e nos convence que aquilo existe.*

*O contador de histórias atua muito próximo da essência, e essência vem a ser tudo aquilo que não se aprende, aquilo que é por si só.*

*Contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria-prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta teia que é o contar.*

*A arte de contar histórias traz o contorno, a forma. Reatualiza a memória e nos conecta com algo que se perdeu nas brumas do tempo.*

*A arte de contar histórias nos liga ao indizível e traz resposta às nossas inquietações.*

*Contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser.*

*Contar histórias expressa e corporifica o simbólico, tornando-se a mais pura expressão do ser.*

*Cléo Busatto*

## RESUMO

Práticas de Contação de Histórias no Maternal: um estudo de caso

Esta pesquisa caracteriza-se por um estudo de caso envolvendo duas turmas de Maternal em escolas de Educação Infantil Comunitárias, tendo como foco de estudo as Práticas de Contação de Histórias. Com os aportes teóricos de Sisto, Busatto, Abramovich e Kaercher o estudo procurou buscar as relações existentes entre o entendimento dos professores sobre a importância da contação de história e as práticas desenvolvidas com as crianças. Foram realizadas entrevistas com os professores, assim como observações de momentos de contação de história. A partir da análise, os resultados evidenciaram que as professoras possuem visões diferentes sobre a importância da contação de histórias. Constatou-se que a professora que valoriza mais esse momento de sua prática parece ser melhor aceita pelos alunos e, em decorrência, suas contações são mais requisitadas. O estudo revelou também que há espaço para esse tipo de prática na Educação Infantil desde cedo e que os recursos utilizados são apropriados para as práticas de contação de história.

Palavras-chave: Contação de História, Educação Infantil, Criança.

## SUMÁRIO

1-Introdução.....	07
2- A importância de ouvir histórias na vida das crianças.....	08
3- Caminho percorrido.....	11
4- Resultados das Turmas A e B.....	13
4.1- Turma A .....	13
4.2- Turma B .....	16
4.3- Questões que me chamaram atenção nos resultados das turmas.....	18
5- Análise.....	21
6- Considerações Finais.....	24
Referências Bibliográficas.....	25
Anexos.....	26

## 1-Introdução

“... é destas práticas de ouvir e contar histórias, que surge nossa relação com a Leitura e Literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no dia-a-dia da Escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na Leitura e na Literatura uma fonte de prazer e divertimento” (Kaercher, 1998, p.70).

O presente trabalho trata da importância da contação de histórias na Educação Infantil. Tal temática chamou-me atenção no período em que realizava o estágio obrigatório em uma turma de berçário, numa escola estadual, com alunos de 4 meses a 3 anos. Realizei um projeto junto à turma de contação de histórias. O projeto foi muito bem aceito pelos alunos que, prestavam bastante atenção nas histórias e nos recursos e objetos utilizados, apesar da pouca idade.

Para o presente trabalho, escolhi para investigação a turma de Maternal I, procurando perceber as relações que crianças maiores, de 2 a 3 anos e meio estabelecem com as histórias contadas. Nessa faixa etária, eles já possuem uma linguagem mais desenvolvida, podendo assim, contribuir com suas intervenções na história.

Neste trabalho procurei buscar as relações existentes entre o entendimento dos professores sobre a importância da contação de história e as práticas desenvolvidas com as crianças; observar de que forma as crianças reagem e interagem diante dessas propostas.

No capítulo 2, intitulado “A importância de ouvir histórias na vida das crianças” apresento um pouco das teorias relacionadas a esse assunto, ressaltando o quanto foi importante essa prática no meu estágio curricular. No capítulo 3, “Caminho percorrido”, mostro o métodos utilizado para o desenvolvimento desse trabalho. As respostas obtidas são descritas no capítulo 4. No capítulo 5, faço uma relação entre os resultados alcançados nas duas turmas observadas. Finalizo com as considerações finais apresentadas no capítulo 6.

## 2- A importância de ouvir histórias na vida das crianças

Desde cedo ouvimos histórias, no colo de nossas avós, na cozinha com nossas mães. Lembro de como meu pai contava histórias da Bíblia quando faltava luz, quando ainda era bem pequena. Todos os pais deveriam fazer sua parte, de contar histórias para seus filhos. Mas, como fala o texto de Busatto:

“... quantas crianças têm esse prazer satisfeito dentro da sua própria casa, ou melhor, quantos pais se dispõem a essa tarefa? Concordo que chegar em casa depois de um dia exaustivo tira o ânimo de qualquer um, então, como encontrar energias para ainda contar histórias? Mas quem disse que criar filhos é uma tarefa fácil” (2033, p.46).

Depois vem a escola, nossas primeiras histórias com uma educadora, em um ambiente escolarizado. Em nossos primeiros passos no mundo das histórias já inicia nossa relação com a Literatura e a importância que a mesma terá em nossas vidas, como destaca a citação abaixo.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias...Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...” (Abramovich, 1989, p.16)

Com certeza essa afirmação é real, pois minha história com os livros começou bem cedo e acabei me tornando uma assídua leitora. É fundamental incentivar nossos alunos desde o mais cedo possível para que aprendam a valorizar o momento de contação de histórias, assim como o ritual necessário para que este momento possa ser bem aproveitado por todos.

“Familiarizá-las com a necessidade de acomodarem-se confortavelmente para ouvir; fazerem o menor barulho possível, para que todos possam ouvir e acompanhar a narrativa; visualizarem o modo como o adulto relaciona-se com o objeto livro (como segura, como manuseia, como observa) são passos importantes de serem construídos neste período” (Kaercher, 1998, p.73).

Em meu estágio curricular pude vivenciar um pouco dessa realidade através do projeto: “Linguagem oral: No mundo mágico das Histórias Infantis”. Este tinha



por objetivo oferecer às crianças o momento diário de contação de histórias, através da hora do conto.

As histórias que utilizava no projeto eram curtas, com muita ilustração e de fácil entendimento, pois era preciso me adequar à faixa etária de meus alunos. Coelho (1995) sugere que devemos optar sempre pela simplicidade para os mais pequenos:

“Para os pré-escolares, as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, de sua vivência afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados acontecem”(p.16).

Sabemos o quanto uma boa história serve de alimento para a imaginação dos leitores, conforme destaca a fala de Busatto (2005) logo abaixo.

“Se mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos inebriar com a magia, que dirá para a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível. Ao contar uma história para ela estaremos lhe oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que seu universo se amplie e seja mais rico (Busatto, 2005, p.12)”

Procurei destacar neste capítulo a importância da contação de histórias na vida de nossas crianças e que não devemos contar apenas por contar, mas para encantá-las, para ampliar seu mundo e suscitar sua imaginação.

Outra questão a destacar é a importância da prática de contar histórias para o desenvolvimento da função simbólica, onde a criança se coloca no lugar do objeto imaginado.

“No jogo simbólico, a criança estrutura afetivamente o mundo a sua volta, trabalha internamente seus medos, conflitos, desejos, identificações....É um mundo que se abre a partir da imitação e da criação de seus personagens e prolonga-se pelo resto da vida...” ( Real e Canan, 2002, p.216)

A contação de histórias favorece o desenvolvimento da função simbólica, onde as crianças entram em contato com o imaginário, principalmente na idade de

1 a 3 anos. Na citação abaixo Leardini (2006) fala um pouco sobre a importância da função simbólica.

“Nesse contexto, justifica-se este estudo por se acreditar que o desenvolvimento da função simbólica é uma importante manifestação para a estruturação do desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança em idade pré-escolar. Um trabalho efetivo com as histórias infantis como procedimento didático pode contribuir para que o professor reflita sobre sua prática e de forma intencional utilize-as como auxiliares no desenvolvimento da função simbólica” ( p.6)

Pode-se compreender assim que a criança necessita da magia e do lúdico para compreender o mundo que a cerca e ouvir histórias se torna um meio para compreender o que se passa à sua volta, permitindo então, a construção do real..

### **3- Caminho percorrido**

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa qualitativa envolvendo duas turmas de Maternal I de escolas de Educação Infantil comunitárias distintas. Foram realizadas entrevistas com duas professoras e a observação de uma hora de contação de história de cada turma.

Acredito ser importante destacar que o meu objetivo não foi o de comparar uma professora com a outra, nem os momentos de contação de história. Porém faço alguma colocação sobre isso, no capítulo mais adiante.

As perguntas foram realizadas pessoalmente e levaram em média 15 minutos para serem respondidas. Acho importante salientar que as professoras se negaram a serem gravadas e tive que fazer os registros diretamente escritos.

As observações levaram cerca de meia hora à 1 hora de duração. O que foi observado foi transcrito imediatamente no meu diário de campo, ao qual eu faço uso no próximo capítulo. Foi observado um momento de contação de histórias com cada turma.

Os registros da pesquisa com as professoras e das observações no diário de campo foram transcritos e estão na íntegra nos anexos deste trabalho.

Os objetivos desse trabalho são:

- Verificar que espaço há para a contação de histórias na rotina das turmas observadas.
- Compreender qual o entendimento do professor em relação a importância da contação de histórias no Maternal.
- Observar se a forma como o professor conta a história é adequada para a faixa etária dos alunos.
- Observar quais os recursos utilizados para a contação de histórias.
- Observar de que forma as crianças reagem e interagem diante das propostas de contação de Histórias.

Os referenciais teóricos utilizados foram: Celso Sisto, Fanny Abramovich, Cléo Busatto, Gládis Kaercher e outros autores referentes à Literatura e contação de história.

No quadro abaixo apresento as perguntas da entrevista realizada com as professoras.

- 1) Formação do professor(a):
- 2) Tempo de experiência na Educação Infantil e no Maternal:
- 3) Que tipo de atividades tu fazes com o Maternal?
- 4) Materiais pedagógicos que mais utilizas?
- 5) Tu usas o livro com os alunos?
- 6) Como tu usas o livro?
- 7) Tu contas as histórias?
- 8) Costumas reunir todos para ouvir as histórias?
- 9) Quais as histórias que tu percebes que eles mais gostam?
- 10)Quais os recursos que usas quando conta histórias?

## 4- Resultados das Turmas A e B

### 4.1- Turma A

A Turma A possui 16 alunos, mas no dia da observação haviam apenas 10. A faixa etária dos alunos está entre 2 e 3 anos e meio. Todos usam fraldas ainda, mesmo os que já deveriam estar fazendo uso do banheiro.

Pelo período em que estive na escola, cerca de 1 hora, pude observar que a professora não é muito afetiva com a turma. Ela tem uma auxiliar que é um pouco mais atenciosa.

Fiquei um bom tempo esperando pela história, cuja qual fui observar, esperei os alunos se ajeitarem e lancharem. Como é mostrado no diário de campo na caixa abaixo.

A professora pareceu esquecer de me apresentar a turma, me apresentou somente um tempo depois, na hora da história, quando pareceu lembrar o motivo pelo qual me encontrava ali. Levou um bom tempo até a hora da história, as crianças lancharam e depois de um tempo ela me disse:- Você quer ouvir uma história não? Disse que sim, gostaria muito.

Esta professora foi muito sucinta nas respostas da entrevista, respondendo com poucas palavras. O que talvez indique que a contação de História não tenha muito significado para a mesma. Na caixa abaixo está uma parte da pesquisa que mostra isso.

11) Tu usas o livro com os alunos?  
Bastante. Na contação de história.

12) Como tu usas o livro?  
Dedoche, teatro, as crianças recontam a história.

13) Tu contas as histórias?  
Conto.

Sua experiência como educadora no Maternal ainda é bem pouca, porém na Educação Infantil tem um pouco mais, por esse tempo já deveria ter intimidade e experiência suficiente para saber a importância da história na vida de uma criança.

14) Tempo de experiência na Educação Infantil e no Maternal:  
Educação Infantil: 3 anos e Maternal, 2 meses.

Talvez a sua formação influencie na forma como esta professora percebe esses momentos de contação de história e o modo como se dá sua prática. A mesma pode não ter tido a oportunidade de ter educadores com uma formação mais sólida a respeito desse assunto. A mesma possui Curso de Educadora Assistente e no momento está cursando Pedagogia EAD. Talvez não tenha tido a oportunidade ainda de ter educadores que chamassem atenção para a importância da Literatura infantil para seus alunos.

No dia da observação as professoras me disseram que contam histórias duas vezes por semana, o que considero pouco, pois tal proposta deveria fazer parte da rotina diária das crianças. Permitindo assim a familiarização com as histórias.

“A participação das crianças nesses rituais de leitura permite que ela vá construindo o seu próprio modelo, vivenciar esta experiência e a percepção de que cada um encontra o seu jeito, o modo que mais lhe agrada” (Kaercher, 1998, p.73).

Um fato que chamou muito minha atenção foi uma atitude da professora A ao contar sua história, que narro no diário de campo:

A professora senta com duas caixas, para minha surpresa uma das caixas está cheia de pirulitos e na outra há os dedoches que serão usados na história. A professora auxiliar fala que se não continuarem sentados não ganharão pirulito.

Para minha surpresa a professora condiciona o momento de contação de história ao ato de ganhar pirulitos. Ao mesmo tempo que traz os recursos apropriados para o uso de contação de histórias para essa faixa etária, esse elemento não é relevante. Tem que ter ao lado “a caixa dos pirulitos” para que as crianças se resignem a ouvir uma história até conseguirem ganhar um pirulito. Imagino quando essas crianças forem para escola, terão aprendido que somente

com pirulitos vale a pena ouvir uma história. E o prazer de ouvir histórias, como fica? E a formação de novos leitores? Que valor que essas crianças darão aos livros? Talvez essa professora ache importante a contação de histórias, acredita no que está fazendo. Mas a maneira como ela traz para a rotina das crianças as histórias parece não valorizar esses momentos de contação das mesmas, o que acaba prejudicando os verdadeiro motivos de porque contar histórias, pelo prazer simplesmente de ouvir boas histórias e formar novos leitores.

Contamos histórias para instigar a imaginação, criar o hábito da leitura e formar futuros leitores. Como formaremos esses leitores condicionados a ganhar algo em troca de ouvir uma história? Talvez seja uma questão de formação, nunca alguém deva ter corrigido essa professora em suas práticas de contar histórias. Me pergunto será que sua orientadora sabe de suas práticas, aprova as mesmas? O caso ficaria mais grave ainda se a resposta for afirmativa. Kaercher fala da relação prazerosa que a criança deve ter com a história na citação abaixo.

“...somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham uma relação prazerosa com a Literatura se propiciarmos a estas crianças, desde muito cedo, um contato freqüente e agradável com o objeto livro e o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo deste objeto, a história propriamente dita – com seus textos e ilustrações” (Kaercher, 1998, p.70).

Nesta turma as crianças se mostravam desatentas e distraídas, como aponto em meu diário de campo, a professora usou recursos apropriados, dedoches da história, porém tinham que ser constantemente ameaçadas com a ausência de pirulitos.

Tem muito barulho no pátio, as crianças se distraem e a professora diz que vai parar a história e eles ficarão sem pirulito.

Apesar desses detalhes as crianças em algum momento interagem com a história, pois já a conhecem. Também fazem intervenções no meio da narrativa.

A professora vai contando a história e perguntando, quantos filhotinhos tinha a galinha? Eles vão interagindo durante a história. Uma professora fica com os outros dedoches e responde para a outra, participando também da história. Tem uma menina que lembra

toda a história. Um menino pede para ver os dedoches, a professora diz que depois deixará, mas no final não mostra os dedoches para as crianças.

A atitude da professora em não deixar os alunos verem os dedoches, ou ter esquecido da solicitação do aluno, pode ter sido uma falha, pois devemos deixar as crianças interagirem com o material utilizado na contação, faz parte da aprendizagem das mesmas e de sentirem-se parte da história.

As crianças têm também suas histórias preferidas, de tanto ouvirem já sabem o que vai acontecer, diminuindo assim a ansiedade e nessa idade em questão é bem importante a repetição das histórias, pois elas acompanham eufóricas. Porque gostam tanto dessas histórias? E de ouvir histórias repetidas? Abramovich parece responder essas perguntas quando cita que:

“É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...)” (1989, p.17).

#### **4.2- Turma B**

A turma de Maternal I dessa escola tem 20 alunos matriculados, mas no dia da minha visita havia somente 14 alunos. As crianças têm idade entre 2 a 3 anos.

Fui recebida muito bem nesta escola. As crianças já me esperavam ansiosas, sentadas em rodinha, preparadas para a história. A professora me apresentou, disse o meu nome e muitas delas vieram me dar beijos.

Esta professora mostrou mais entusiasmo ao responder a pesquisa, mostrando assim um maior interesse pela contação de história.

- |   |
|---|
| <p>1) Como tu usas o livro?<br/>Usamos livros prontos e construímos livros a partir de uma música.</p> <p>2) Tu contas as histórias?<br/>Contamos. Nós contamos às vezes, não lemos a história. Só lemos para nós e contamos para as crianças.</p> <p>3) Costumas reunir todos para ouvir as histórias?</p> |
|---|



Trabalhamos com todos juntos. Nos reunimos aqui em rodinha nos colchonetes.

Cantaram algumas músicas e então a professora iniciou a história. Como mostrado no quadro abaixo.

A professora estava com um livro colorido, chamado "A descoberta da Joanelha", que tinha uma joanelha vermelha na capa. As crianças já conheciam a história.

Os recursos utilizados eram apropriados para a faixa etária das crianças, ela usou objetos que faziam parte da história, fazendo com que as crianças interagissem o tempo todo.

É com esses momentos de interação e o entusiasmo que ela ia contando a história que se percebe a importância que essa professora dá para a contação de história. Além de contar para suscitar a imaginação dos alunos ela ainda passava algumas outras informações, como mostrado no quadro abaixo.

A professora aproveitava para ensinar as cores dizendo: - A Joanelha é vermelha, igual a blusa da Adriana.

Nesta turma, diferencialmente da outra os alunos puderam interagir com objetos da história, apesar dos meninos ficarem um pouco excluídos.

Depois de alguns minutos alguns começaram a levantar-se e foram levados de volta a seus lugares. Eles estavam mais interessados em chegar perto dos objetos e do livro.

O momento da história foi de muita interação com as crianças que davam sua opinião e antecipavam a história, já que a conheciam.

O tempo todo a professora interagiu com os alunos pedindo opinião sobre a história, perguntando a todos, até os que estavam quietinhos, que respondiam com a cabeça.

Nesta turma também foi contada uma história conhecida da turma. Algumas questões: Porque gostam tanto dessas histórias? E de ouvir histórias repetidas? Abramovich parece responder essas perguntas quando cita que:

“É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...)” (1989, p.17).

Toda a preparação para contação de história é muito importante, como é confirmado no texto de Sisto:

“Ao preparar uma história para ser contada, o contador tenta, ao mesmo sem saber ou se dar conta, premeditar, antecipar o que vai acontecer com o ouvinte, tomando por base os efeitos que este e aquele recurso provocam nele mesmo. O efeito provocado no ouvinte tem um pouco de previsibilidade e outro tanto de obscurantismo” (2005, p.43).

Certamente escolhemos a história que temos mais intimidade para contar, aquela que nos encanta, nos emociona e queremos que outros se emocionem também. A preparação dos recursos utilizados é muito importante e adequados a faixa etária da criança. Assim teremos um retorno imediato das crianças, veremos seus rostinhos iluminados pela imaginação.

#### **4.3- Questões que me chamaram atenção nos resultados das turmas**

Uma questão que não está nos meus objetivos, mas que não poderia deixar de mencionar neste trabalho é a questão de gênero muito presente nas duas turmas observadas.

Na turma A pude perceber um detalhe: tudo que servia para a identificação das meninas era cor de rosa e dos meninos azul. Os nomes para pendurar as mochilas, os enfeites, os nomes dos aniversariantes. O que essas crianças tão pequenas irão aprender com isso? Que rosa faz parte do mundo das meninas e

azul dos meninos. É bem provável que não. Isso acaba reproduzindo estereótipos sobre as cores e parece mostrar certo preconceito em relação ao gênero por parte das professoras.

Uma questão que me chamou muita atenção foi a questão de gênero na observações realizada nesta turma também. As professoras que contaram a historia da Joaninha e iam dando as crianças os objetos da história. Havia batom gloss, pulseira, perfume, laço de fita e cinto feminino. No momento em que as professoras passaram batom nas meninas, os meninos insistiram para passar também, mas as professoras foram reticentes. Um menino até chorou para passar batom, mas uma professora questionou como mostra o diário de campo:

Na hora do batom, a professora passou o batom em si mesma depois a outra professora passou batom nas meninas. Os meninos também queriam passar batom, um insistiu bastante, uma das professoras ia passar nele, mas a outra disse: isso é coisa de menina, você vai passar perfume.

Acredito que mesmo com boa vontade e contando a história com entusiasmo essa professora parece ser um pouco preconceituosa em relação a questões de gênero, devendo rever seus conceitos. Pois o menino tem apenas 2 anos de idade e não vejo mal algum em passar batom nele nesse momento, não seria isso que influenciaria sua sexualidade. O que ele desejava naquele momento era participar como as outras meninas, de um momento da história.

Os meninos também queriam as pulseiras que as meninas estavam brincando, mas a professora também negou, com a mesma justificativa de que era coisa de menina. Que mal há que um menino brinque com uma pulseira? Uma boneca? Tudo faz parte da aprendizagem e naquele momento parte da história da Dona Joaninha.

Depois foi a hora do perfume, a professora passou em todos os alunos. Logo foi a vez das pulseiras que foram distribuídas entre as meninas. Os meninos só ficavam olhando.

Talvez essa questão esteja ligada ao senso comum que cada professora carrega consigo e também, principalmente sua formação como educadora. Talvez

nessa formação nunca alguém tenha chamado atenção para essa questão de gênero, que não deveriam ser preconceituosas nem criar estereótipos a esse respeito. Como cita Sisto em seu texto:

“Mas contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum” (2005, p.23).

## 5- Análise

Em minhas observações pude perceber a diferença entre uma professora e outra, no seu modo de contar histórias. Enquanto uma professora mostrava mais entusiasmo na hora de contar a história, por outro lado a outra se mostrava desanimada. E isso ficava claro na turminha que ouvia as histórias, enquanto uma turma se entusiasmava mais, acompanha mais a história, a outra se mostrava desatenta, com dificuldade de manter a atenção. Talvez o tempo também fosse longo demais, 15 minutos para cada história, embora em uma delas, na professora B, a turma continuou acompanhando a história. A entonação de voz também é muito importante para chamar a atenção dos pequenos como nos mostra Sisto em seu texto abaixo.

“Para se contar bem uma história há, pelo menos, alguns pontos a serem observados: emoção, texto, adequação, corpo, voz, pausas e silêncios, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade. Sem esses elementos essenciais, qualquer contação fica comprometida!” (2005, p.59)

Se contarmos a história com maior entusiasmo, claro que teremos ouvintes mais entusiasmados. É certo que cada pessoa tem sua personalidade mas se queremos ser um bom contador de histórias, temos que primeiramente amar aquilo que fizemos.

As duas professoras observadas se diferenciavam muito uma da outra. Enquanto uma usava o artifício de oferecer pirulitos para que as crianças prestassem atenção, a outra apostava nos objetos mostramos e no entusiasmo de sua voz. Fazendo também com que as crianças interagissem com a história e mostrando maior entrosamento com seus alunos. Acredito ser muito importante a afetividade entre professor-aluno e a professora B mostrava muito disso. Influenciando as crianças a gostarem mais das histórias do que a outra professora que não parecia ter muita afetividade com seus alunos.

Outra questão que influencia muito os alunos a gostarem ou não de histórias é a maneira como o professor se relaciona com a Literatura, que importância tem o papel da leitura em sua vida? A Literatura deve ter um lugar especial em nossas

vidas, na vida de cada professor que quer que as crianças apreciem as histórias. Kaercher nos mostra o quanto isso é importante:

“Se não for assim, como conseguiremos convencer as nossas crianças a fazer algo que nós mesmos não julgamos importante?” (1998, p.71)

Acredito que essa é uma questão muito relevante, a importância que a Literatura ocupa na vida dessas professoras, elas devem ou deveriam saber para que lêem essas histórias para as crianças: Será que para a professora que oferece o pirulito ela conta a história para que as crianças fiquem quietas por um momento? Kaercher também fala sobre isso em seu texto:

“Isto não quer dizer, todavia, que a Literatura tenha que “servir para alguma coisa”: leio para as crianças desenharem a história, leio para representar a história, leio para saber como é que vive o dinossauro. Não! Devemos ler pelo prazer que essa atividade proporciona, pela importância que a Literatura pode ter, enquanto arte, nas nossas vidas. Esta já é uma excelente razão para trabalharmos com a Literatura na Educação Infantil” (1998, p.73).

Pude perceber em minhas reflexões o peso que a formação da professora e sua experiência como educadora tem no valor as mesmas dão a contação de histórias. Talvez alguma delas não tenha o privilégio de ter uma experiência íntima com a literatura e a contação de histórias. Nem todas tiveram mestres-educadores que lhes passaram o valor dessa prática. Quem sabe nunca pegaram aquele “gostinho” pelas histórias pelo fato de ter faltado na infância experiências prazerosas.

Falo um pouco de minha experiência pessoal, tive na infância exemplos significativos que me propuseram desenvolver o gosto pela Literatura, pelos livros. Depois tive educadores maravilhosos que me ensinaram o caminho a seguir para ser uma boa contadora de histórias. Em minhas experiências em sala de aula também vivenciei isso com muito prazer.

Em meu estágio curricular, o qual já mencionei antes, pude prazerosamente fazer uso desses ensinamentos e exemplos maravilhosos que tive. Com o sucesso de meu projeto de contação de histórias com crianças pequenas, pude

vivenciar com as práticas adquiridas a valorização do meu trabalho, junto a professora da turma e da direção e supervisão da escola. E principalmente propiciar aos meus aluninhos do estágio momentos especiais de histórias. Ver o prazer que eles tinham ao sentar com os olhinhos brilhando para escutar a história, ainda vai ficar muito tempo como belas lembranças.

“Existem muitas maneiras de se chegar ao mundo. Existem algumas maneiras de se conhecer o mundo. Mas não há como escapar: o mundo é uma grande história que se lê diariamente” (Sisto, 2005, p.26).

Pelo que pude observar as professoras utilizam os mesmos objetos que utilizei nas minhas contações de história no estágio. Materiais como dedoches, objetos, livros com figuras. Todos adequados a faixa etária em questão, 2 a 3 anos. A professora B também me pareceu amar o que faz, assim como eu, que sempre procurei fazer com amor o meu trabalho. A citação abaixo finaliza bem esse capítulo.

“Se quisermos que a narrativa atinja toda a sua potencialidade devemos, sim, narrar com o coração, o que implica em estar internamente disponível para isso, doando o que temos de mais genuíno, e entregando-se a esta tarefa com prazer e boa vontade. Ao contar doamos o nosso afeto, a nossa experiência de vida, abrimos o peito e compactuamos com o que o conto quer dizer. Por isso torna-se fundamental que haja uma identificação entre o narrador e o conto narrado” (Busatto, 2003, p.47).

## 6-Considerações Finais

O que fica desse trabalho? Quais as questões observadas que tiveram maior importância para a contação de história? São algumas das questões que procuro responder ao longo dessas últimas páginas.

Sobre a importância que cada professora tem sobre a contação de história, creio que ficou bem claro que nem todas atribuem a essa prática o mesmo valor. Acredito que essa “importância” obtida ao longo de sua trajetória como educadora se constrói através de sua formação e de suas experiências de vivências com a Literatura infantil e como contadora de histórias. Acredito até que a professora que oferece os pirulitos ache a contação de histórias importante, porém as experiências que ela tem e sua formação a fizeram ignorar o quanto será prejudicial a essas crianças essa prática de condicionar ouvir histórias com pirulitos.

Falo da importância da contação de história e do modo como o professor pode tomar consciência dessa importância. No meu caso, em minha experiência como educadora, pude experimentar em meu projeto “No mundo mágico das Histórias Infantis!”, uma intimidade maior com as histórias, ver o quanto elas são importantes para as crianças e o quanto elas valorizam esse momento. Em meu projeto tínhamos um espaço diário reservado para esse fim.

Há um espaço necessário para a contação de histórias no Maternal, embora nem sempre com a devida importância e assiduidade necessárias. Pois pelo que observei, as histórias não são contadas diariamente. Na maioria das vezes, umas duas vezes por semana. Enquanto contar histórias deveria ser rotina nestas turmas, sendo muito importante para a formação das crianças como leitores.

Ao finalizar este trabalho despertou em mim a vontade de dar continuação ao mesmo, quem sabe até com um projeto de mestrado, pois o assunto tem muitas questões a serem desenvolvidas.



## Referências Bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo, Editora Scipione, 1989.

BUSATTO, Cléo. Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_ A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2006.

COELHO, Betty. Contar histórias uma arte sem idade. São Paulo, Editora Ática, 1995.

CRAIDY, Cármen e KAERCHER, Gládis E. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre, UFRGS, 1998.

LEARDINI, Eleusa M. F. O contar histórias na educação infantil: um estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para o desenvolvimento da função simbólica. Campinas, Unicamp, 2006.

PERSCH, Maria Izabel. Uma escola para todos, uma escola para cada um. Porto Alegre, Secretária Municipal de Educação, 2006.

REAL, Luciane Magalhães Corte e CANAN, Silvia Regina. O jogo simbólico na educação infantil:brinquedo e necessidade. In: BECKER, Fernando. Função simbólica e aprendizagem. Porto Alegre, EDUCAT, 2002.

SISTO, Celso. Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias. Curitiba, Editora Positivo, 2005.

## ANEXOS

### ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS

Entrevista com a professora A

1) Formação do professor(a):

Curso de Educadora Assistente e cursando Pedagogia EAD.

2) Tempo de experiência na Educação Infantil e no Maternal:

Educação Infantil: 3 anos e Maternal, 2 meses.

3) Que tipo de atividades tu fazes com o Maternal?

Jogos pedagógicos, rodinha musical, contação de histórias, livro com texturas, com espelhos. Tinta guache, papel crepom, massinha de modelar e cola colorida.

4) Materiais pedagógicos que mais utilizas?

Jogos, desenhos sobre a contação de histórias e leitura visual.

5) Tu usas o livro com os alunos?

Bastante. Na contação de história.

6) Como tu usas o livro?

Dedoche, teatro, as crianças recontam a história.

7) Tu contas as histórias?

Conto.

8) Costumas reunir todos para ouvir as histórias?

Todos, colocamos eles num minhocão de pano para fazer a rodinha e contamos a história.

9) Quais as histórias que tu percebes que eles mais gostam?

As que mais chamam atenção é de texturas, de bichinhos. As de dedoches também, colocamos nos dedinhos deles.

10) Quais os recursos que usas quando conta histórias?

Dedoches, livros com texturas, teatro e fantoches.

Entrevista com a professora B:

1) Formação do professor(a):

Pedagogia.

2) Tempo de experiência na Educação Infantil e no Maternal:

Educação Infantil: 9 anos e Maternal, 2 anos.

3) Que tipo de atividades tu fazes com o Maternal?

Manipulação de diversos materiais, contação de histórias, picote, massinha, tinta bastante e colagem.

4) Materiais pedagógicos que mais utilizas?

Tinta, revistas, palitos, trabalhamos bastante com sucata.

5) Tu usas o livro com os alunos?

Sim.

6) Como tu usas o livro?

Usamos livros prontos e construímos livros a partir de uma música.

7) Tu contas as histórias?

Contamos. Nós contamos às vezes, não lemos a história. Só lemos para nós e contamos para as crianças.

8) Costumas reunir todos para ouvir as histórias?

Trabalhamos com todos juntos. Nos reunimos aqui em rodinha nos colchonetes.

9) Quais as histórias que tu percebes que eles mais gostam?

A da Joanelha, os Três Porquinhos, tudo que é tipo de história.

10) Quais os recursos que usas quando conta histórias?

Objetos, livros e construímos de sucata os personagens e as casinhas, como a história dos três porquinhos.

## DIÁRIO DE CAMPO

### OBSERVAÇÕES DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO MATERNAL I

#### Observação de contação de história no Maternal da professora A

Esta turma possui 16 alunos, mas no dia da observação só vieram 10 alunos. A professora pareceu esquecer de me apresentar a turma, me apresentou somente um tempo depois, na hora da história, quando pareceu lembrar para que me encontrava ali. Levou um bom tempo até a hora da história, as crianças lancharam e depois de um tempo ela me disse:- Você quer ouvir uma história não? Disse que sim, gostaria muito.

Na sala tem o Cantinho do Conto, bem arrumadinho com os livrinhos para as crianças “lerem”. Perguntei se eles tinham acesso, a professora disse que sim, mas muitos livros se encontravam fora do alcance das crianças. Na sala o nome das meninas e dos meninos é dividido por cor de rosa e azul. Tudo o que é das meninas é rosa e dos meninos azul.

Eles tem um tapete comprido chamado minhocão para sentarem e ouvirem as histórias. O Minhocão foi colocado em frente ao cantinho do conto, fazendo uma rodinha, onde as crianças sentam.

Eles iniciam a rodinha cantando musiquinhas, também conversam onde foram no fim de semana. Depois de cantarem bastante a professora começa a contar a história. A professora senta com duas caixas, para minha surpresa uma das caixas está cheia de pirulitos e na outra há os dedoches que serão usados na história. Uma das professoras fala que se não continuarem sentados não ganharão pirulito.

A professora pega o livro a Galinha Ruiva, mas conta a história com os dedoches, sem ler o livro. Pergunta quem lembra da história, um dos meninos lembra.

- Tem que fazer silêncio! Lembra a professora aos alunos.

A professora vai contando a história e perguntando, quantos filhotinhos tinha a galinha? Eles vão interagindo durante a história. Uma professora fica com os outros dedoches e responde para a outra, participando também da história. Tem uma menina que lembra toda a história. Um menino pede para ver os dedoches, a professora diz que depois deixará, mas no final não mostra os dedoches para as crianças.

Tem muito barulho no pátio, as crianças se distraem e a professora diz que vai parar a história e eles ficarão sem pirulito. A professora fala da história relacionando com a rotina deles, como ter que ajudar o colega quando ele precisa.

Eles sempre ganham pirulito quando escutam uma história. Ela vai perguntando sobre a história, quem sabe vão ganhando os pirulitos. Quem se comporta mal fica para o final, mas acaba ganhando os pirulitos igual.

Bem eu me despeço e vou embora.

## Observação de contação de história no Maternal da professora B

A turma de Maternal I dessa escola tem 20 alunos matriculados, mas no dia da minha visita havia somente 14 alunos. As crianças tem idade entre 2 a 3 anos. As crianças são bem agitadas, talvez pela minha presença. Com muito custo as professoras as mantinham sentadas na rodinha.

Bem, a duração da contação de história foi de 15 minutos, das 9h e 10min até às 9h e 25min. Esse tempo foi apenas a duração da história, sem a música e atividades.

As professoras e as crianças me receberam muito bem. Já estavam sentadas em rodinha, sentadas em colchonetes. Algumas vieram me abraçar e me beijar. Todas estavam sentadas de maneira que pudessem ver a professora que iria contar a história. Primeiro cantaram umas músicas, Borboletinha e outras músicas infantis. Todos participavam e gostavam muito das músicas. Havia uma menina que respondia a todas as perguntas e sabia de tudo o que era perguntado pela professora.

A professora estava com um livro colorido, chamado “A descoberta da Joanelha”, que tinha uma joanelha vermelha na capa. As crianças já conheciam a história. A professora levou alguns objetos que faziam parte da história e ia mostrando conforme contava. Tinha batom, perfume, cinto, laço de fita, pulseiras e brincos. Na história a Joanelha encontrava a lagartixa e outros bichos amigos dela e ia emprestando os objetos. A professora tirava os objetos e ia passando para as crianças verem. Na hora do batom, a professora passou o batom em si mesma depois a outra professora passou batom nas meninas. Os meninos também queriam passar batom, um insistiu bastante, uma das professoras ia passar nele, mas a outra disse: isso é coisa de menina, você vai passar perfume.

A professora aproveitava para ensinar as cores dizendo: - A Joanelha é vermelha, igual a blusa da Adriana.

Depois foi a hora do perfume, a professora passou em todos os alunos. Logo foi a vez das pulseiras que foram distribuídas entre as meninas. Os meninos só ficavam olhando.

Depois de alguns minutos alguns começaram a levantar-se e foram levados de volta a seus lugares. Eles estavam mais interessados em chegar perto dos objetos e do livro.

Por causa da idade e alguns estarem em adaptação os alunos me chamavam de “mãe”.

Depois da história eles fizeram uma atividade com garrafa pet cortada e tinta colorida vermelha para fazer a Joaninha. Quando receberam a garrafa pet começaram a bater na mesa, sendo repreendidos pelas professoras. As professoras colocavam a cola na garrafa e eles espalhavam com as mãos. Depois lavaram as mãos e foram para o pátio. Então agradei e me despedi da turminha.